

NAVIO HIDROGRÁFICO *SIRIUS* – 4.500 dias de mar

WALID MAIA PINTO SILVA E SEBA*
Capitão de Fragata

LUCAS DA COSTA MEDEIROS**
Capitão-Tenente

SUMÁRIO

Introdução
Histórico
Saldanha e *Sirius*, dois navios que
marcaram gerações
Conclusão

INTRODUÇÃO

No âmbito da Marinha do Brasil (MB), seus militares possuem o hábito de realizar a contagem da quantidade de dias de mar realizados em sua carreira. Para alguns, é um sinal de realização profissional, pois o tempo no mar torna a pessoa mais marinheira e mais safa aos desafios que ele proporciona; para outros, torna-se

uma condição de orgulho, principalmente quando se atinge a marca de dois mil dias, quando se recebe a Medalha Mérito Marinheiro Quatro Âncoras Passador de Ouro.

Porém a contagem de dias de mar não acontece apenas para os militares desta Força tão tradicional, mas também para os seus navios, que, com o passar do tempo, contribuem de maneira indispensável para o preparo das pessoas que servem ao País

* Hidrógrafo. Mestre em Meteorologia pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. É comandante do Navio Hidrográfico *Sirius*.

** Hidrógrafo. É ajudante da Divisão de Hidrografia do Navio Hidrográfico *Sirius*.

no mar, tornando suas tripulações mais unidas e o seu espírito mais marinheiro.

Analisando esta gama de navios que auxiliaram na formação de diversos marinheiros ao longo de vários anos, destacam-se o Navio Oceanográfico (NOc) *Almirante Saldanha* e o Navio Hidrográfico (NHi) *Sirius*. O primeiro, que teve a sua baixa em 1990, completou 4.738,5 dias de mar¹ durante os seus 56 anos de serviço, a maior marca da Marinha até hoje; o segundo atingiu a marca de 4.500 dias no dia 1^o de julho deste ano, tornando-se, assim, o segundo navio na história da Marinha do Brasil a alcançar esta efeméride.

Apesar de terem missões totalmente distintas, o *Saldanha* como navio-escola e como navio oceanográfico e o *Sirius* como navio hidrográfico, pode-se dizer que os dois se assemelham principalmente em dois fatores: a longevidade, pois ambos passaram da marca dos 50 anos de serviço ativo; e o seu caráter formador, principalmente pela referência que foram em suas classes.

Entretanto, uma característica une estes barcos de uma forma ainda mais marcante e subjetiva. Na essência destes dois navios é latente notar que ambos são navios de alma, em que, em diversos momentos, podem-se verificar o amor e o saudosismo que produzem.

A alma de um navio, um sentimento tão falado, somente é entendido na prática dos dias vividos a bordo. É a condição que faz suas tripulações fazerem de tudo por seu barco, algo que sobreviverá e será eternizado, mesmo que os navios se aposentem e que seus cascos não mais existam. Esta é a alma! Algo que o *Saldanha* e o *Sirius* conhecem tão bem.

HISTÓRICO

Navio-Escola e Oceanográfico **Almirante Saldanha**

O *Saldanha* foi construído na Inglaterra e incorporado à Armada em 1934, a fim de servir como navio-escola a vela (Figura 1) e auxiliar na formação dos guardas-marinha. Neste contexto, realizou 14 viagens de instrução de guardas-marinha, sendo a última no ano de 1954. Assim, foi um navio marcante para gerações de jovens oficiais e que tiveram sua formação marinheira iniciada em seus conveses.

Além das viagens de instrução, o navio chegou a participar também de comboios na Segunda Guerra Mundial. A partir de 1954, o *Saldanha* passou a ser utilizado em missões da Diretoria de Hidrografia e Navegação (DHN), realizando sondagens hidrográficas esporádicas.

Em 1957, foi decidida a sua incorporação à DHN como navio oceanográfico, sendo instalado um laboratório de pesquisa e uma máquina de sondar, com alcance a profundidades de até 5 mil metros. Neste mesmo tempo, o *Saldanha* foi empregado nas atividades do Ano Geofísico Internacional, evento que mobilizou mais de 20 mil pesquisadores de 66 países voltados à investigação dos fenômenos físicos da Terra.

Devido à sua capacidade de contribuição à pesquisa, o então Capitão de Fragata Paulo Moreira conseguiu apoio da Unesco para transformar o *Saldanha* em um moderno navio oceanográfico, deixando de ser um veleiro e retirando os seus mastros. As suas obras de transformação ocorreram no período entre 1962 e 1964, no Arsenal de Marinha do Rio de

¹ Os dados sobre os dias de mar foram fornecidos pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM).



Figura 1 – Navio-Escola *Almirante Saldanha*

Janeiro. Em sua remodelação, foram instalados laboratórios de biologia marinha, química, meteorologia, radioatividade, geologia e ictiologia, além de seis guinchos para operação oceanográfica, três ecobatímetros e um sonar para detecção de cardumes. Ainda no ano de 1964, o Capitão de Mar e Guerra Paulo Moreira, que foi nomeado primeiro comandante do *Saldanha*, depois de sua modernização, suspenderia em uma comissão de instrução oceanográfica da Unesco.

Depois do seu período de modernização, o *Saldanha* permaneceu a serviço da Armada por mais 26 anos e, até a sua baixa, em 1990, o navio realizou 135 campanhas em mais de 8.150 estações oceanográficas, cujos dados contribuíram sobremaneira para a composição do Banco Nacional de Dados Oceanográficos (BNDO), levando a DHN a alcançar o reconhecimento internacional, em es-

pecial na atual capacidade e na abrangência hoje atingida de sua vertente dentro da Oceanografia Operacional.

Navio Hidrográfico Sirius

O Navio Hidrográfico *Sirius* (Figura 2) foi concebido devido ao apoio do então Presidente da República, Juscelino Kubitschek, ao trabalho do Almirante de Esquadra Antônio Alves Câmara Junior, seu ministro da Marinha e ex-diretor-geral de Hidrografia e Navegação, interessado em resolver o problema da escassez de meios flutuantes para a Armada e para as atividades da Hidrografia. Sua construção foi realizada sob a supervisão técnica do American Bureau of Shipping e foi fiscalizada pela Comissão Fiscal de Construção de Navios no Japão, presidida, à época, pelo Capitão de Mar e Guerra Ernesto de Mello Baptista.

Ele foi encomendado aos Estaleiros Ishikawajima, em Tóquio, em 27 de abril



Figura 2 – Navio Hidrográfico *Sirius* aproximando-se do porto de Santos

de 1956, teve o batimento da quilha realizado em 13 de dezembro no mesmo ano e foi incorporado ao serviço da Armada em 17 de janeiro de 1958, sob o comando do Capitão de Fragata Hélio Ramos de Azevedo Leite, e tendo como primeiro imediato o então Capitão de Corveta Maximiano Eduardo da Silva Fonseca, ambos notáveis hidrógrafos e que, no futuro, galgariam o posto de almirante de esquadra, assumindo, respectivamente, a Presidência do Superior Tribunal Militar e o Ministério da Marinha.

Com eles, naquela primeira e histórica tripulação (Figura 3), outros oito oficiais e 53 praças trouxeram o *Sirius* para o seu país.

A travessia para o Rio de Janeiro, que começou em 8 de fevereiro, durou cem dias, chegando o navio à então capital federal em 19 de maio do mesmo ano, passando por portos como Tóquio, Honolulu, São Francisco, Acapulco, Balboa,

Curaçao, Belém, Recife e Cabo Frio. Após a sua chegada, em 6 de junho de 1958, foi visitado pelo Presidente da República, Juscelino Kubitschek.

O navio foi o primeiro da Marinha a ser projetado e construído especificamente para o serviço hidrográfico e realizou, até agora, mais de 120 Levantamentos Hidrográficos (LH), inclusive no exterior, na República da Namíbia, nos anos de 1995 e 1997, sendo, assim, o único navio a levar a Hidrografia brasileira além dos limites de nossa Amazônia Azul.

Do ponto de vista tecnológico, o *Sirius* permitiu a implementação e operação de muitos equipamentos que aperfeiçoaram os Levantamentos Hidrográficos. Dessa forma, o navio viu todo o desenvolvimento do estado da arte de posicionamento geodésico e sondagem batimétrica. Desde quintantes, passando pelo Raydist, Mini-Ranger, Geocomp, Hyperfix e Microfix e chegando ao pioneiro LH utilizando



Figura 3 – Primeira Tripulação do NHi *Sirius* em Tóquio, Japão

receptores GPS. E, ainda, em um cenário mais recente, a operação com ecobatímetros multifeixe.

Com tantos LH em sua história, o navio passou a ser conhecido, no âmbito da DHN, como a “Escola de Hidrografia”. Além disso, o *Sirius* foi o primeiro navio da MB dotado de aeronave orgânica, onde foram realizadas as primeiras atividades de aviação embarcada, das quais destaca-se o primeiro pouso de uma aeronave de asa rotativa em um convés de voo, na Baía de Tóquio, no Japão, em janeiro de 1958.

SALDANHA E SIRIUS, DOIS NAVIOS QUE MARCAM GERAÇÕES

Apesar de terem missões totalmente distintas, o *Saldanha* como navio-escola e como navio oceanográfico e o *Sirius* como navio hidrográfico, pode-se dizer que os dois se assemelham principalmente em dois fatores: a longevidade, pois ambos passaram da marca dos 50 anos de serviço ativo; e o seu caráter formador, principalmente pela referência que foram em suas classes.

Dentro do primeiro aspecto, os anos conquistados em suas vidas trazem junto uma característica comum aos tripulantes que serviram nestas embarcações: o saudosismo. Foram diversas gerações de marinheiros que labutaram em seus conveses, muitas viagens marcantes realizadas, períodos de manutenção e outros eventos. Cada pessoa que serviu em qualquer um desses momentos lembra, com saudades, do tempo em que viveu embarcado em um destes navios. Contudo, os momentos vividos nunca são trazidos sozinhos, sempre se recorda a camaradagem ali feita. A amizade que o navio proporciona é por demais especial, já que, muitas vezes, o militar acaba pas-

sando mais tempo com os tripulantes do navio do que com a sua própria família.

Como formador, além do *Saldanha* ter sido um navio-escola, tendo a formação como missão, também o foi quando se tornou oceanográfico. Diversas pesquisas foram realizadas em seus conveses, apresentando aos recém-formados dos cursos da DHN e a vários pesquisadores e estudantes de universidades brasileiras o vasto campo da Oceanografia, da Geologia, da Biologia Marinha e da Meteorologia.

Não por menos, o *Sirius* também se tornou uma escola, a “Escola de Hidrografia”, um lugar de referência devido à sua contínua inovação tecnológica, onde diversos hidrógrafos puderam e podem, ainda, adquirir a experiência necessária para realizar grandes Levantamentos Hidrográficos de interesse para o Brasil.

Ainda neste escopo, ambos os navios impuseram desafios aos seus tripulantes. Cada desafio vencido foi um pequeno sucesso e, neste ciclo, com o somatório destes pequenos sucessos, fez-se uma carreira, marcada na memória de cada marinheiro que serviu em uma destas embarcações que a história une.

Em especial, encontra-se nestes dois navios aquilo que todo marinheiro busca em seus embarques: um sentimento presente em sua essência, que não pode ser medido de forma objetiva, mas sim vivido nas nuances e nos desafios de quem se faz ao mar, a famosa alma do navio, uma característica gerada ao longo das gerações de marinheiros que ali guarneceram seus conveses e encontram a verdadeira e simples razão de seu trabalho e de sua vida.

CONCLUSÃO

Até hoje o *Saldanha* e o *Sirius* destacam-se como os dois navios com maior quantidade de dias de mar contabilizados

na história da Marinha. O *Saldanha* já encerrou a sua trajetória. Porém o *Sirius* encontra-se em sua plena vida operativa, inclusive realizando, no período de junho a setembro deste ano, mais uma Comissão Barra Norte do Rio Amazonas, levantamento este tão emblemático e desafiador para a Hidrografia brasileira e que teve como primórdio a “Epopéia de 1952” do Navio Hidrográfico *Rio Branco*, que na década de 50, foi o primeiro a realizar um LH nessa região.

Interessante, neste contexto, recordar as palavras de São Tomás de Aquino, um dos doutores da Igreja Católica e que marcou não só a Teologia Cristã, mas

também a Filosofia: “Não são os anos de vida que contam, mas a vida dos nossos anos!” O *Saldanha* e o *Sirius* conjugam os dois: uma vida longa e uma vida intensa, perenizando por muitos dias de mar!

Será que o *Sirius* ultrapassará o *Saldanha* em sua contagem de dias de mar? Não se sabe. E talvez, dentro da relevância da história destes grandes navios, isso não seja o mais importante. Porém, tem-se a certeza de que, enquanto o *Sirius* estiver ativo, continuará fazendo a sua história, forjará mais gerações de marinheiros e ainda terá a ciência da frase escrita em sua chaminé, que é o lema da DHN: “Restará sempre muito o que fazer...”.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<APOIO>; Hidrografia; Indústria Naval;

REFERÊNCIA

JÚNIOR, ALBERTO PIOVESANA. “Navio-Escola e Oceanográfico *Almirante Saldanha*. *Informativo Cembra* – Centro de Excelência para o Mar Brasileiro. Número 3 – Edição Semestral, p. 4-6. Maio de 2016.